

“NA COLÔNIA PENAL” DE KAFKA COMO UMA FIGURAÇÃO PSICANALÍTICA DA EXPERIÊNCIA [ERFAHRUNG] DE ACEITAÇÃO [ANNAHME]¹

Luís Fernando Barnetche BARTH*

- **RESUMO:** Tomando como ponto de partida uma original e curiosa forma de execução de um criminoso descrita por Franz Kafka (2011) no conto “Na Colônia Penal”, escrito em 1914, na qual o acusado – que ignora o motivo de sua execução – é colocado em uma máquina que inscreve em suas costas o motivo de sua condenação levando-o à morte por transfixão, o presente artigo pretende investigar a qualidade psíquica desta experiência limite. Apoiado no texto original alemão, o autor examina a tentativa kafkiana de o condenado estabelecer uma verdadeira experiência corporal reveladora através da “leitura” da pena “escrita” em seu próprio corpo, aproximando-a do conceito psicanalítico de aceitação [*Annahme*] dos conteúdos inconscientes, pela liberação do afeto psíquico suscitado pelo aumento da tensão física. Este processo oferece-se como uma figuração possível da experiência [*Erfahrung*] psicanalítica de tratamento a qual, opondo-se à ideia de uma mera vivência, é entendida como uma experiência profunda que traz um aprendizado em si mesma e se transforma em saber; uma experiência que ultrapassa o sujeito tornando-o outro. A metodologia empregada é a crítica literária psicanalítica em sua vertente freudo-laciana.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Franz Kafka. Psicanálise. Experiência. Aceitação.

É possível que a ilusão realista seja o recurso romanesco mais frequentemente escolhido, mas contaríamos um bom número de romancistas, e não dos menores, que não apenas se esforçam para fazer suas criações passarem por verdadeiras, como afirmam sem mal-entendido possível o caráter fictício de suas fantasmagorias: é o caso de Swift, Hoffmann e Kafka, para citar apenas alguns grandes nomes, que fundam sua verdade na negação da experiência comum, em benefício do fantástico e da utopia, sem por isso deixarem de ser romancistas nem mais nem menos que Balzac, Dickens, Zola e todos os outros “ilusionistas” do real (ROBERT, 2007, p. 20, grifo do autor).

* UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Cuiabá, MT. – Brasil. 78060-900 – barth@ufmt.br

¹ Dedicado ao professor Dr. José Luiz Caon

Artigo recebido em 30 de outubro de 2013 e aprovado em 30 de novembro de 2013.

Na citação que serve de epígrafe a este trabalho, a autora traz os elementos que apoiam a ideia de que a ficção literária não é aquilo que trata do que não é verdadeiro, mas aquela que engendra um campo operacional aberto às virtualidades do conhecimento. Nesta perspectiva, ao criar um grau de incerteza, o descompromisso com a realidade factual permitirá localizar justamente aí um certo valor de verdade. As diferentes modulações ficcionais têm sua origem no Real inabordável, e é através da linguagem que este Real é fixado, determinando-se o seu limite e a sua potência. Neste sentido, segundo a psicanálise, é o Simbólico estabelecido pela linguagem que, como um primeiro movimento, cria o campo do Real.

Nesta crítica literária psicanalítica buscamos examinar a possibilidade de uma experiência [*Erfahrung*] subjetiva tornar-se o móbil promotor de uma aceitação [*Annahme*] dos conteúdos recalçados. Para tanto, partimos da obra “Na Colônia Penal”, de Kafka (2011), na qual identificamos elementos de aproximação com a teoria psicanalítica, tomando o conto como uma figuração possível destas questões. Partindo do pressuposto de que a leitura de uma obra literária pode servir de cenário à construção de novos e diferentes significados, mais do que uma simples operação decodificadora (SANTOS; OLIVEIRA, 2001), o método psicanalítico também leva em consideração os efeitos significantes de leitura do próprio pesquisador, atentando-se para as possíveis escansões, o que gera “uma” leitura, a qual redundando na construção de um texto a ser oferecido à comunidade científica a partir dos elementos estudados.

“Na Colônia Penal”

O conto “Na Colônia Penal” foi escrito por Kafka em 1914 e, segundo a apresentação que introduz a obra em português consultada, deveria fazer parte de um único volume intitulado *Castigos* [*Strafen*] ao lado de “A Metamorfose” e de “O Veredicto”. Com a rejeição deste projeto pelo editor, o livro só foi publicado em 1919, ainda que o autor já tivesse realizado uma leitura pública em Munique, três anos antes.

“Na Colônia Penal” (KAFKA, 2011) gira em torno de um aparelho inusitado e até então desconhecido, mas que a capacidade criativa do autor foi capaz de conceber em seus mais sutis detalhes: um mecanismo de tortura criado com a finalidade de execução, no qual a sentença a ser aplicada é a inscrição do delito no corpo do condenado até a sua transfixão.

A história gira em torno de quatro personagens: o explorador, o oficial, um soldado e o condenado. Este explorador fora convidado a assistir a execução de um soldado, que servia de criado a um capitão, cuja pena capital seria aplicada como punição por insubordinação e desacato a um superior. Compondo o clima kafkiano, o condenado não conhecia nem sua pena, nem o motivo de sua condenação. Assim,

na manhã de sua execução, ele não apresentava qualquer expressão de contrariedade e demonstrava uma obediência que o autor qualificou de canina. Esta adjetivação evidencia o comportamento tido pelo oficialato como ideal para um soldado, ou seja, uma obediência irrestrita, sem qualquer reflexão ou consciência.

Todavia, nos derradeiros momentos de sua existência, será na tomada de consciência do condenado acerca de sua condição, alcançada a partir de uma experiência [*Erfahrung*] singular de aceitação [*Annahme*], onde nós buscaremos estabelecer uma aproximação entre literatura e psicanálise, também apoiados numa certa licença poética na nossa construção.

Em seguida, o oficial passou a explicar o funcionamento do aparelho de execução, fazendo constar que o mesmo era obra do antigo comandante, mas que ele próprio estivera envolvido em todas as etapas de sua construção ainda que o mérito coubesse ao antigo superior. É digna de nota a emoção com a qual o oficial falava desta estranha geringonça. Mesmo assim, havia uma sensação de pesar, uma vez que os novos tempos pareciam questionar a validade da pena capital; e a máquina, com suas engrenagens e polias, não vinha recebendo mais a devida atenção no sentido da reposição de peças e manutenção. Havia muito que o sistema de execução caíra em suspeição e o convite feito ao visitante tinha como objetivo fazer uma apreciação abalizada do processo. Esse sentimento de nostalgia frente a um procedimento que se tornou anacrônico também apareceria na pena de Kafka anos mais tarde ao escrever o conto “Um Artista da Fome” (KAFKA, 2011). Nesta obra, o jejum deixara de ser visto como uma verdadeira arte, levando o seu protagonista a ser esquecido em sua jaula até a sua morte.

A referência a um tempo pretérito feita pelo oficial, no qual as execuções eram verdadeiros acontecimentos sociais na ilha onde a colônia penal estava situada, não é acompanhada de qualquer crítica à brutalidade do procedimento. Aliás, o clima de neutralidade é garantido através da voz de um narrador onisciente neutro, segundo a categoria de Friedman (LEITE, 2007), e pelo uso do discurso direto nas falas do próprio oficial, que descreve tanto o aparelho quanto o processo da pena capital como quem comenta o funcionamento de um objeto interessante, mas um tanto trivial, deixando, desta forma, o sentimento de indignação e horror a cargo do leitor.

Tomar o conto pelo viés da tortura é o caminho mais óbvio a ser percorrido. Todavia, preferimos explorar elementos que pudessem ser detectados a partir da descrição dada pelo autor a esta prática como via de assunção a uma experiência reveladora como consequência da leitura realizada, e verdadeiramente sentida, diretamente no corpo do condenado, como veremos mais adiante.

Composto de três partes, o aparelho era formado por uma parte inferior chamada leito; uma parte superior, desenhador; e o rastelo, como parte terceira e intermediária. O condenado nu era deitado de bruços sobre o leito recoberto de algodão especial e preso pelas mãos, pés e pescoço por cintas, enquanto uma mordaca

de feltro era colocada em sua boca para evitar que gritasse ou mordesse a língua. O rastelo tinha este nome por ser formado por um conjunto de agulhas que pairavam entre o desenhador e o leito por uma cinta de aço, os quais eram unidos nos quatro cantos por barras de latão. Dotado de baterias próprias, o mecanismo consistia em fazer vibrar provocando movimentos rápidos e simultâneos, de cima para baixo e de um lado para outro, de forma que o rastelo executasse a sentença, inscrevendo-a no corpo do condenado.

O oficial ainda guardava consigo os desenhos feitos pelo antigo comandante, que havia cumprido as funções de juiz, engenheiro, químico e desenhista, além de ser um soldado. Ao tomar a pasta de couro que continha os antigos papéis, ele disse ao explorador em resposta ao seu questionamento sobre a sentença:

Nossa sentença não é severa. O comando que o condenado infringiu é escrito pelo rastelo em seu corpo. Este condenado, por exemplo [...] terá escrito em seu corpo: Honra os teus superiores!” [...]. O explorador queria fazer várias perguntas, mas ao ver o homem perguntou apenas: “Ele conhece a sentença?” “Não” disse o oficial e tentou dar prosseguimento à explicação, mas o explorador interrompeu-o: “Ele não conhece a própria sentença?” “Não”, disse mais uma vez o oficial, deteve-se por um instante, como se exigisse do explorador uma fundamentação mais precisa para a pergunta, e então disse: “Seria inútil comunicá-la. *A sentença é aplicada ao corpo* [..]. Assim o explorador inclinou-se mais uma vez para a frente e perguntou: “Mas ele sabe ao menos que foi condenado?” “Também não”, disse o oficial e abriu um sorriso ao explorador, como se esperasse dele mais alguns questionamentos estranhos. “Ora”, disse o explorador e passou a mão pela testa, “então este homem também não sabe como sua defesa foi recebida?” “Ele não teve nenhuma oportunidade de apresentar uma defesa” disse o oficial [...] (KAFKA, 2011, p. 86-87, grifo nosso).

A seguir, o oficial explicou os trâmites das deliberações das penas de maneira que os procedimentos parecessem lógicos e inquestionáveis. O ápice se dá logo em seguida quando, ao justificar que fora nomeado juiz da colônia penal e de reiterar seu sólido aprendizado junto ao antigo comandante, o oficial vaticina: “O princípio que guia as minhas decisões é: a culpa é sempre indubitável” (KAFKA, 2011, p.88), esclarecendo-se, assim, de forma direta a crença que anima toda a execução praticada na ilha. Se os atos são, por princípio, indefensável é que segundo a lógica do oficial, sejam quais forem estes atos, serão sempre dignos de culpa e de uma pena a eles correspondente.

Todavia, a nossa proposta de trabalho também não é questionar a justiça ou não da aplicação e execução das penas na colônia penal, ainda que seja necessária uma aproximação do tema da “culpa indubitável” à teoria psicanalítica, como veremos mais adiante. Seguindo indicações menos óbvias – em que pese a

extravagância dos procedimentos adotados pelos militares da ilha –, estudaremos a possibilidade de o condenado acessar aspectos muito profundos e singulares de sua condição psíquica, com o intuito de estabelecer, a partir dos elementos apresentados pela trama literária, uma figuração do próprio processo de funcionamento do aparelho psíquico.

Desta forma, na longa passagem citada anteriormente, encontramos o ponto nodal deste artigo, o qual se refere à maneira de o autor tomar a execução como um momento de experiência. No original alemão, está escrito que: “*Er erfährt es ja auf seinem Leib*” (KAFKA, 2008, p.16), que foi traduzido por “a sentença é aplicada ao corpo” (KAFKA, 2011, p.87) na obra consultada em português. O verbo transitivo *erfahren* possibilita a tradução no sentido de o condenado sofrer a sentença no seu corpo, porém *erfahren* também significa “chegar a saber”, o que justifica traduzirmos esta oração por “ele chega a saber mesmo no seu corpo” ou, ainda, “ele experiencia mesmo no seu corpo” (LANGENSCHIEDTS..., 2002, p.293, tradução nossa), de forma a manter uma relação de congruência com a trama criada pelo autor. O desdobramento da história mostra que é esperado que o condenado se dê conta de sua sentença em um momento preciso do processo de execução a partir da escritura da mesma diretamente em seu corpo, como veremos, e não simplesmente que ele receba no corpo a sua pena. Com este expediente, o corpo do condenado transforma-se numa superfície sobre a qual é inscrita (escrita) a sentença oferecida à decifração (leitura) do condenado.

Todavia, não podemos pensar em uma execução sem que haja o cometimento de um crime a ser punido. Então, o oficial explicou ao explorador que a insubordinação deveu-se ao fato de que aquele condenado servira de criado a um capitão e, por isso, deveria dormir diante de sua porta. Mas sucedera não ter cumprido sua obrigação de se levantar e prestar continência à porta do capitão a cada batida das horas na última noite. Este dever simples tinha como objetivo manter o homem desperto, porém ocorreu ao capitão verificar o cumprimento de suas ordens. Ao soarem as badaladas das duas horas, conforme explicou o oficial, o capitão verificou que o criado jazia dormindo todo encolhido.

Diante do descumprimento de suas ordens, o capitão açoitara o criado no rosto, e este, ao invés de pedir perdão ao superior, segurara-o pelas pernas e sacudindo-o dissera que o devoraria caso não deitasse por terra o chicote. Após o ocorrido, o capitão procurou o oficial, o qual tomou seu depoimento, lavrando a sentença.

Após relatar o incidente ao explorador, o oficial continuou a explicar o funcionamento do aparelho chamando sua atenção para a caligrafia rebuscada empregada pelo rastelo, na qual a pena era escrita em um espaço estreito enquanto o resto do corpo servia de tela aos ornamentos. A inscrição no corpo era feita a partir de reiterados movimentos, sempre com maior profundidade, e com o auxílio de um líquido corrosivo que pingava das agulhas do rastelo, mas já proibido àquela época.

A escolha de um modelo mais simples de escrita poderia causar a morte imediata do acusado, o que não era desejado.

Então, uma nova e importante informação nos é oferecida pelo oficial. A pena capital era calculada para durar cerca de doze horas em média, e era na sexta hora que deveria ocorrer o “momento crítico” ou “momento de transição” [*Wendepunkt*]. Durante as seis primeiras horas, o condenado permanecia vivo, sofrendo apenas a dor. Porém, depois de duas horas já não tinha mais forças para gritar, sendo possível a retirada da mordaca, o que dava oportunidade a ele de se alimentar de um mingau de arroz que ficava em uma tigela a sua disposição. Na descrição do oficial:

[...] só por volta da sexta hora o condenado perde o prazer de comer. Nesse instante, em geral eu me ajoelho aqui e observo este fenômeno. O condenado raramente engole o último bocado, que ele põe de um lado para outro na boca e depois cospe no fosso [...]. Mas como o condenado fica tranquilo pela sexta hora! A compreensão atinge até os mais estúpidos. Começa ao redor dos olhos. E então se espalha. Um aspecto que poderia convencer alguém a se deitar junto debaixo do rastelo. Depois disso não acontece mais nada, o condenado apenas começa a decifrar a escrita, espicha os lábios, como se estivesse escutando. O senhor viu que não é fácil decifrar a escrita com os olhos; mas nosso homem decifra-a com as feridas. Mesmo assim, é um trabalho e tanto; ele precisa de seis horas para completá-lo. Então o rastelo transfixa-o de um lado ao outro e atira-o no fosso, quando chapinha em meio à água ensanguentada e ao algodão. Então a execução da sentença chega ao fim, e nós, eu e o soldado, enterramos o corpo (KAFKA, 2011, p.95-96).

No tempo aludido ao antigo comandante, uma execução era um acontecimento acompanhado por interessada assistência, mas, como afirmado anteriormente, esse entusiasmo caíra em descrédito e já não chamava atenção dos olhos atentos da multidão – assim como no conto “Um Artista da Fome” –. Naquela época, às crianças era reservado o espaço próximo ao condenado da colônia penal, e muitos eram os pedidos para assistir de perto ao momento crítico da sexta hora. É nesta passagem que a personagem do oficial indica precisamente o que tanto a atraía nesse procedimento: “Como assumíamos nós também a expressão transfigurada do rosto agonizante, como mantínhamos nossas faces no brilho da efêmera justiça enfim alcançada” (KAFKA, 2011, p.102), mostrando-se verdadeiramente siderado pelos indicadores da revelação que ele imaginava se processar com o condenado.

O explorador não estava convencido, todavia, da importância do procedimento de execução e, ainda que o oficial buscasse nele um defensor, mostrou-se claramente um forte opositor à sua prática. Contrariado em suas mais íntimas convicções, não restou mais nada ao oficial senão libertar o condenado e tomar-lhe o seu lugar no ato da pena capital. Antes de se deitar no leito da máquina, buscou rapidamente na

pasta de couro uma sentença que espelhasse a sua situação. “*Sê justo!*” foi a consigna escolhida pelo oficial para sua própria execução. Neste ato extremo do oficial vemos confirmadas as palavras de Bataille (1989, p.139, grifo do autor) em seu trabalho sobre Kafka, quando afirma que: “A morte é o único meio de evitar a abdicação da soberania. Não há servidão apenas na morte; na morte não há mais *nada*”.

Percebendo que sua atitude era absolutamente legítima, ninguém o impediu de continuar. Contudo, na medida em que a máquina fora colocada em funcionamento, o mecanismo comprometido pela falta de manutenção fez com que algumas peças começassem a cair do aparelho. Como consequência, o oficial fora verdadeiramente espetado pelo rastelo e a pena capital transformara-se num assassinato a sangue frio, sem chegar a propiciar o tão desejado momento crítico da sexta hora. Nas palavras do narrador:

Neste ponto, quase contra a vontade ele viu o rosto do cadáver. Tinha o mesmo aspecto do que em vida; não se via nenhum sinal da redenção prometida; o que todos os outros haviam encontrado na máquina, o oficial não encontrou; os lábios estavam apertados um contra o outro, os olhos estavam abertos, tinham uma expressão viva, o olhar era tranquilo e convicto, a ponta do longo agulhão de aço varava o cérebro (KAFKA, 2011, p.121-122).

Apenas ao final do conto o narrador oferece certa crítica aos acontecimentos da colônia penal. O soldado explicou ao explorador que o padre não permitira que o corpo do antigo comandante fosse enterrado no cemitério da ilha, o que dá um tom de censura às execuções por ele orquestradas; porém os soldados trataram de enterrá-lo no chão de numa espécie de bar por eles frequentado e que tinha por nome “Casa de Chá”. À noite, por vezes o oficial tentara desenterrar o corpo do comandante numa atitude que já esclarecia um pouco da sua condição mental, ainda que fosse sempre impedido pelos companheiros de concluir o seu intento. Como o explorador ainda não parecesse convencido do absurdo desta situação, o soldado mostrou-lhe o túmulo cuja lápide trazia a seguinte inscrição:

Aqui jaz o antigo comandante. Seus seguidores, que ora não ostentam nome algum, cavaram-lhe a sepultura e puseram-lhe uma lápide. Existe uma profecia segundo a qual o comandante, passado um certo número de anos, há de se erguer do túmulo e, a partir desta casa, conduzir seus seguidores à reconquista da colônia penal. Acreditei e esperai! (KAFKA, 2011, p.123-124).

Não restara mais nada ao explorador do que deixar rapidamente a ilha. Ainda que o condenado e o soldado demonstrassem interesse em acompanhá-lo, o explorador não permitiu que partissem em sua companhia.

Kafka (2011) criou com maestria aspectos nos quais dificilmente pensaríamos como elementos de uma obra literária, daí a sua genialidade. Tampouco há a intenção de fazermos apologia à pena capital e suas cruéis formas de execução, mas também não desejamos que a repulsa que o texto nos causa de início obstrua a compreensão das diferentes formas de expressão da condição humana.

O que nos chama atenção no conto “Na Colônia Penal” (KAFKA, 2011) é a possibilidade de que a execução seja o momento de uma verdadeira revelação para o sujeito condenado, o que coloca esta experiência limite como um acontecimento singular e produtor de significância. Para isso, apoiamos nosso trabalho nas escansões produzidas a partir do texto literário e, em especial, em torno do “momento de transição” [*Wendepunkt*], no qual o condenado realiza a decifração (leitura) diretamente do que foi inscrito (escrito) no se corpo. Com o intuito de estabelecer uma melhor aproximação à teoria psicanalítica, serão abordados aspectos como o “não saber”, a culpa e a morte, também encontrados na obra literária estudada, embora tenhamos optado por não aprofundar o tema da letra e seus desdobramentos em psicanálise.

A Experiência [*Erfahrung*] em psicanálise

Como já indicamos anteriormente, a palavra alemã *Erfahrung* possibilita diferentes traduções e abordagens, mas usualmente é tomada pela filosofia na acepção de experiência e saber, o que a distingue de uma vivência, pois, para Brugger (1977), o conceito de vivência é relativo a um fato de consciência segundo o qual o sujeito é capaz de se perceber a si mesmo em relação à determinada situação psíquica, orientando-se por esta capacidade vivencial. Todavia, esta aptidão também é encontrada nos animais; apenas as plantas viveriam sem a consciência de sua própria existência. Em outra acepção, o filósofo sustenta que uma experiência interna “[...] designa o viver conscientemente os estados e operações psíquicas próprias” (BRUGGER, 1977, p.182), o que estabelece uma dimensão intelectualizada da experiência dos processos anímicos.

De acordo com a teoria do conhecimento, Lalande (1999) nos diz que o exercício das faculdades intelectivas é o que possibilita ao sujeito conhecimentos válidos para além do que a própria natureza do sujeito cognoscente poderia garantir. A experiência daí resultante pode ser dividida em experiência externa, que está afeita à percepção, e experiência interna, que se traduz em consciência. Para Lalande (1999, p.336), “[...] a experiência no seu conjunto é então oposta quer à memória, quer à imaginação criadora e às outras faculdades ditas de elaboração, quer à razão”, e isso para concluir que o resultado da experiência é o fornecimento de conhecimentos. Assim, a experiência seria o resultado de uma observação que esclarece a natureza

do fenômeno estudado, ainda que este resultado não possa ser dado *a priori*. Além da experiência física, as experiências psicológica e também moral têm o mesmo procedimento. De uma forma muito arguta, Kant (1996, p.241) afirma que:

Platão observou muito bem que a nossa capacidade cognitiva sente necessidade bem mais alta do que simplesmente soletrar fenômenos segundo uma unidade sintética para poder lê-los como experiência [*um sie als Erfahrung lesen zu können*], e que a nossa razão eleva-se naturalmente a conhecimentos, que transcendem de muito a capacidade de qualquer objeto, proporcionável pela experiência, de jamais congruir com os mesmos. Tais conhecimentos possuem apesar disso a sua realidade e de modo algum são simples quimeras.

Partindo das contribuições filosóficas, pudemos verificar que a *Erfahrung* não deve ser tomada como sinônimo de uma mera vivência, mas como uma operação intelectual resultante do somatório da experiência externa da percepção com a experiência interna da consciência.

Então, se o fenômeno que detectamos no conto de Kafka (2011) não se coaduna com o processo de uma simples vivência, ele também não pode ser reduzido a um processo meramente cognitivo. Ao esposarmos a teoria psicanalítica como forma de entendimento do humano, o conceito de *Erfahrung*, como experiência, deverá ser relativizado para além dos mecanismos envolvidos numa tomada de consciência para designar a capacidade de “[...] ler o acontecimento, não somente intelectual, mas fisicamente, em uma visão corporal e afetiva” (SCHNEIDER, 1993, p.94). Assim, por *Erfahrung* entendemos a experiência “incorporada como aprendizado e conhecimento” (CAON, 1994, p.162) a que o paciente chega ao final de seu tratamento; uma experiência intensa, singular e intransferível que está ligada ao saber inconsciente e que só se dá a conhecer a partir do sofrimento trazido pelo paciente.

Retomando o texto literário, a descrição feita pelo oficial é clara quanto a este aspecto; ele diz que até os mais estúpidos são levados à compreensão. O fenômeno que começa em torno dos olhos e se espalha é tão intenso que poderia levar alguém – e este alguém deve ser o próprio oficial siderado pelo fenômeno – a se deitar com o condenado debaixo do rastelo, isto é, diante da demonstração inequívoca de uma compreensão enfim encontrada, o oficial sente-se impelido a tomar o lugar do condenado com o intuito de tentar experimentar o seu saber; como chega a fazer ao final do conto.

Só depois de o condenado alcançar o “momento de transição” é que ele passa a decifrar a pena escrita em seu corpo. Ele decifra como quem escuta, espichando os lábios, mas não usa da sua visão nesta tarefa, decifra sua sentença a partir das feridas impostas à sua carne. Se acompanharmos a analogia apresentada por Kant (1996),

constataremos que a compreensão enfim encontrada na experiência transcende a mera “leitura” integradora dos fenômenos anteriormente “soletrados”. Pela óptica da psicanálise, esta experiência, enquanto fornecedora de um tipo especial e idiossincrático de conhecimento, recebe o nome de saber, ainda que este saber não possa ser traduzido ou verbalizado objetivamente, ele deverá ultrapassar o sujeito tornando-o outro, dando-se a conhecer a partir das suas consequências, em sua face de *savoir-faire* [saber fazer].

Mas, o que dizer do emprego do corpo humano como tela para as inscrições puncionadas pelas agulhas do rastelo? Para a psicanálise, o corpo humano não se resume ao seu estatuto físico como matéria natural regida por leis biológicas as quais garantem o seu perfeito funcionamento ou concorrem para a sua deterioração. Nós, sujeitos de desejo, não nos equiparamos ao indivíduo biológico, pois somos cingidos por condições muito particulares. Para além da imagem “ortopédica” à qual nos identificamos, imagem produtora de sentido do campo Imaginário, nosso corpo é um corpo erógeno, investido, arrancado de sua condição natural ao se integrar no registro do Simbólico como um corpo significante. Além dos dois registros anteriores, a partir do registro do Real, o corpo será tomado como gozo, como substância gozante. O corpo que goza, está em um estado de tensão máxima – como o corpo do condenado no momento de sua execução –, que em nada lembra o apaziguamento das tensões encontrado no prazer (NASIO, 1993).

Em sua genialidade de escritor, Kafka concebe um aparelho o qual, mais do que de execução, serve como dispositivo que provoca a experiência [*Erfahrung*] de uma verdadeira aceitação [*Annahme*] incorporada que foge a qualquer processo de racionalização. Ao invés de o verbo se fazer carne, apontando para que o que está no início é o simbólico, Kafka pretende que a carne se faça verbo, e seja lida, decifrada, desde o real do corpo, substância gozante, entendido aqui como pura carne.

A experiência [*Erfahrung*] de aceitação [*Annahme*] em psicanálise

Em seu artigo intitulado “A negação”, Freud (2011) explica a possibilidade de que o conteúdo de uma ideia ou pensamento anteriormente recalcado venha à consciência a partir da negação desse mesmo conteúdo. Com este subterfúgio, tomaríamos conhecimento no plano intelectual do que fora anteriormente recalcado. Porém, Freud nos adverte de que, neste caso, há um levantamento do recalco sem que haja uma completa aceitação [*Annahme*] do recalcado, o que o leva a concluir que esta é uma demonstração de como a função intelectual se separa do processo afetivo. Em outras palavras, a negativa garante que haja uma aceitação apenas intelectual, pois o essencial do recalcado permaneceria inalterado. Em outra variante

também observada nos processos psicanalíticos, a negação seria derrubada em favor de uma aceitação [*Annahme*] intelectual completa do recalco, mas, mesmo neste caso, o processo de recalco ainda assim permaneceria inalterado.

Será a partir da leitura desta indicação freudiana que Monique Schneider (1993) alçará o termo “aceitação” [*Annahme*] à condição de conceito psicanalítico, desenvolvendo um trabalho original ao diferenciá-la da ideia de uma mera tomada de consciência, como veremos no decorrer deste artigo.

A eficácia do processo psicanalítico não depende do concurso da consciência como uma instância arremediadora de novos discernimentos, pois as mudanças promovidas na psique do paciente se efetivam independentemente de uma tomada de consciência. Por isso, a referência a termos específicos do vocabulário cognitivo, além de não representar o que se sucede, oferece uma visão errônea do processo psicanalítico. Assim, desde o relato do tratamento da paciente Elisabeth Von R., em seu livro *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1974), o pai da psicanálise vai preferir expressões como: efeito de “resgate de uma representação”, de “recuperação de uma ideia” ou de “aceitação” [*Annahme*] de uma representação recalco, ao invés da utilização da expressão “tomada de consciência”. Segundo Schneider (1993, p.72): “*Annahme*, na realidade não significa ver, objetivar, mas, ao contrário, admitir, adotar, assimilar, ou seja, fazer seu, movimento que engaja o ser ao invés de desengajá-lo, em conformidade à metáfora distanciadora do olhar”.

Para Schneider (1993), a concepção freudiana de aceitação converge com a ideia de uma crença, o que significa uma abolição de qualquer tentativa de controle do objeto cujo reconhecimento da realidade equivale ao declínio do combate representado pela resistência inicialmente sentida. Reconhecer “[...] não é efetuar uma constatação, é correr o risco de se deixar levar, já que a *Annahme* é, indissoluvelmente, reconhecimento e adoção” (SCHNEIDER, 1993, p.73).

Todavia, um possível erro de interpretação seria tomar a admissão de uma representação recalco, expressa pelo processo de aceitação [*Annahme*], por uma pretensa expansão da consciência, quando o processo em questão em nada se aproxima de uma tentativa de instalação de uma consciência soberana. “Não se trata de ver mais, mas de tornar a si mesmo outro, de existir de um modo diferente, para além da ruptura experimentada e da rendição aceita” (SCHNEIDER, 1993, p.76).

Como veremos mais adiante, a aproximação que pretendemos estabelecer com a obra kafkiana, desde que o nosso esforço seja capaz de esclarecer, é que uma revelação vinda do exterior não é capaz de operar profundas mudanças no psiquismo sem o processo de uma aceitação [*Annahme*]. Em suma, a aceitação indica uma admissão no Eu, ou seja, um processo que reestrutura, que torna a instância do Eu psiquicamente outro. Para a autora:

Tornar-se outro, isto não poderia ser o acontecimento de um instante e se o reconhecimento de si exige tempo, não é unicamente por se tratar de uma decisão particularmente complicada ou trabalhosa. Torna-se-outro é, de algum modo, conseguir um crescimento, assimilar novos elementos e não somente olhá-los ou somá-los a si. (SCHNEIDER, 1993, p.77).

No processo de execução, o oficial deixava-se siderar pelo que ele percebia no rosto do condenado, ou seja, na expressão fisionômica operada na sexta hora – “momento de transição” [*Wendepunkt*], correspondente a uma verdadeira virada –, ele identificava a assunção a um saber como tomada de consciência pela captura objetiva expressa no olhar revelador do condenado. No entanto, o conto descreve um processo subjetivo no qual o saber, intransferível, não é determinado senão pela aceitação de uma experiência que engaja a partir da tensão física. Para Schneider (1993, p.79):

Adotar uma representação não é, então, simplesmente adotar uma ideia, mas integrar o movimento corporal que lhe é correlativo, movimento que, convertendo-se em afeto, tornar-se-á suscetível de uma aceitação psíquica. No seio deste tornar-se outro, a consciência se abre ao mesmo tempo em que se esclarece o corpo [...]. Freud convida a compreender o trabalho catártico como um trabalho de crescimento, retomada que interessa não somente à abertura da consciência, mas à realização das respostas corporais e afetivas.

O que nos levou a considerar a obra “Na Colônia Penal” como uma figuração possível do processo de aceitação [*Annahme*] é a clara vinculação deste com a dimensão corporal. A admissão de uma representação recalcada também deve ser acolhida no plano corporal, sob pena de a aceitação se tornar exclusivamente intelectual. Seguindo as indicações encontradas na correspondência de Freud a Fliess (MASSON, 1986), a autora observa que a transformação da libido física em libido psíquica dá-se quando a tensão física é incrementada até um ponto culminante a partir do qual pode, então, suscitar um afeto psíquico. Na obra analisada, o ápice da execução era o tão esperado “momento crítico” ou “momento de transição” [*Wendepunkt*] da sexta hora, no qual a compreensão se mostra na expressão do condenado e, sobretudo, em sua capacidade de, só a partir deste instante, ser capaz de “ler” sua sentença diretamente do seu corpo, e não no seu corpo, já que esta leitura se dá na forma singular de uma decifração, como quem escuta.

Desta forma, o caminho de tomada de consciência a partir da decifração das representações recalcadas é o caminho de retorno, por assim dizer, da tensão física ao afeto, o que implica uma libertação do corpo para que haja a adequada elaboração psíquica. Ainda para a autora: “Reconhecer, admitir uma representação, não é objetivá-la, é pelo contrário, decifrar em si o afeto correspondente, movimento

sem o qual a adesão pela “crença” não poderia se produzir” (SCHNEIDER, 1993, p.97-98).

Todavia, ainda são necessárias algumas aproximações pontuais para que possamos encerrar nosso estudo entre a teoria psicanalítica e esta obra de Kafka. Os elementos a serem integrados são: o “não saber” o motivo da sentença, a culpa indubitável e a morte do condenado ao final do processo.

Em primeiro lugar, o fato de o condenado desconhecer sua pena remete ao conceito psicanalítico de recalque, uma vez que ele certamente deveria estar cômico dos efeitos do seu comportamento para com o capitão a quem servira de criado. Desta forma, “não saber” o motivo que o havia levado à execução seria o efeito do recalque de um conteúdo ligado a um afeto psíquico, o qual não poderia ser recuperado pela memória consciente. O recalque é uma das maneiras de o sujeito lidar com a proibição expressa pelo pai. Assim, diante do “Não” proferido pelo pai, o sujeito deverá recalcar o seu desejo e só poderá acessá-lo pela via da negação, como já evidenciamos anteriormente ao comentarmos o trabalho freudiano que versa sobre este tema. Aqui, poderemos ligar a figura de autoridade de um capitão do exército à figura de um pai imaginário extremamente potente e ameaçador. O pai temido do Complexo de Édipo funciona como um tribunal superior para o sujeito, mas é preciso assinalar que “[...] o medo experimentado diante do pai é nitidamente centrífugo, quer dizer, tem seu centro no sujeito” (LACAN, 1999, p.175). No conto estudado, o condenado havia dormido em serviço em frente à porta do quarto do capitão e não aceitou a punição, ainda que dura, pelo descumprimento de sua tarefa. Ao ser chicoteado no rosto, o serviçal expressou ao capitão a máxima: “Joga longe este chicote, senão te devoro” (KAFKA, 2011, p.89), fazendo-se quase coincidir com o enigma proferido pela esfinge tebana.

O tema do pai também está presente na atitude ciosa do oficial em manter perene a lembrança do antigo comandante através da perpetuação das práticas de execução. Reforçando nosso argumento, apontamos para o fato de os soldados terem, eles próprios, sepultado o comandante, apondo à lápide como epitáfio a profecia que fala de sua ressurreição e da conseqüente reconquista da colônia penal. Este “pai morto” funciona simbolicamente, a ponto de o oficial não hesitar em tomar para si a execução da pena capital consignando-a pela sentença “Sê justo” (KAFKA, 2011, p.114) de modo a manter viva a lei, fazendo jus aos ditames do antigo capitão.

Outro dado digno de nota é o fato de o oficial asseverar que “a culpa é sempre indubitável” (KAFKA, 2011, p.88) [*Die Schuld ist immer zweifellos* (KAFKA, 2008, p.180)] não havendo quer processo de julgamento quer direito à ampla defesa do condenado. Ainda que este expediente nos cause estranheza e indignação, a ideia da existência de uma culpa *a priori* guarda afinidade com a teoria psicanalítica quando esta afirma ser a culpa um sentimento de origem inconsciente e nascida do desejo incestuoso e parricida. No conto, encontramos a tentativa do condenado

de agredir o capitão como a representação do desejo parricida inconsciente. Além disso, destacamos que a palavra alemã *Schuld* é usada para designar tanto “culpa” quanto “dívida” e que, conseqüentemente, um sujeito considerado *schuldig* será designado tanto “culpado” quanto “devedor”, o que acaba por ampliar o leque semântico do termo em português, se quisermos ser coerentes com as contribuições freudianas.

Ao sofrer das manifestações de uma culpa ou dívida, o sujeito não chega a acessar conscientemente a vinculação destas manifestações com os desejos inconscientes subjacentes, o que não será sem conseqüências para o sujeito, como segue:

Freud atribui ao sentimento de culpa um papel muito amplo no seio da vida psíquica. Oriundo ao mesmo tempo do narcisismo primitivo e do complexo de Édipo, após uma identificação com a figura parental rival e interdutora, o supereu pode tanto estimular o eu em sua busca de realização como esmagá-lo sob peso de suas proibições, não sem mobilizar para esse fim as pulsões de morte. Vai “se mostrar duro, cruel, inexorável em relação ao Eu que tem sob sua guarda” e que, por masoquismo, procura se fazer criticar e castigar, como se encontrasse prazer nessa condição de vítima de uma instância que se encarna a figura parental punitiva (KAUFMANN, 1996, p.107).

Para que nossa construção seja consonante com a teoria psicanalítica, será necessário desdobrarmos as duas instâncias psíquicas em jogo no processo de culpa e expiação, quais sejam, o Eu e o Supereu, nas personagens do condenado e do oficial, respectivamente. Ou seja, para que os mecanismos descritos por Freud sejam aproximados à trama kafkiana, devemos tomar o condenado pela instância psíquica do Eu, o qual ignorando a culpa sofre as manifestações de um Supereu implacável, representado pelo oficial executor da pena capital que, a seu turno, está cômico tanto da culpa quanto da sentença, pela identificação com a figura do antigo comandante, que funciona como uma imagem paterna primitiva. Ressaltamos ainda que o “não saber” tratado anteriormente também pode ser explicado por esta dissociação de diferentes instâncias psíquicas do mesmo sujeito, a saber, Eu e Supereu, em duas personagens distintas.

Como último ponto, gostaríamos ainda de integrar o elemento da morte ao final do processo de inscrição da sentença no corpo do condenado. A ideia de um saber enfim conquistado no “momento de transição” da sexta hora tem como conseqüência a morte dos condenados, então, por que uma experiência [*Erfahrung*] singular e reveladora, capaz de transformar o condenado em um novo sujeito o levaria a morte? Em se tratando de uma obra literária, muitas vezes encontramos a morte como significação de um renascimento. Por isso, propomos considerar a execução dos condenados como sendo a morte do antigo sujeito, a qual possibilita o renascimento de um novo sujeito, a partir de uma experiência limite. Ao mesmo tempo, faculta-

nos tomar a morte do condenado como uma impossibilidade de que o saber revelado seja objetivado pela instância do Eu. Em relação a isso, temos o fato de a personagem do oficial – que já propusemos representar o Eu – jamais ter acesso ao saber dos condenados, ainda que se mostre siderado pelo momento revelador que é a transição. Nem mesmo quando se entregou à sua própria execução, concluída tragicamente, conseguiu alcançar a transformação fisionômica que supunha ser a consequência de um saber recém-alcançado.

Neste trabalho, tomamos a pena capital descrita no conto “Na Colônia Penal” de Kafka (2011) como uma figuração possível de uma experiência [*Erfahrung*] reveladora, no sentido psicanalítico, pela liberação do afeto psíquico no instante descrito pelo autor como “momento de transição”, a partir do qual tem lugar a aceitação [*Annahme*] dos conteúdos recalçados através da “leitura” do que fora inscrito pela sentença. A tensão física máxima exercida sobre o corpo desenha seu caminho de retorno ao afeto, liberando o corpo para que haja adequada elaboração psíquica. E nesta tarefa de decifração, temos a significação incorporada de um saber na mesma razão em que esta experiência singular ultrapassa o próprio sujeito tornando-o outro. Se nada podemos conhecer desse saber finalmente revelado – impossibilidade representada pela morte dos condenados – é que o processo aqui descrito não é arregimentado pelo Eu consciente, assim como não o é para um paciente em tratamento psicanalítico. O saber alcançado não pode ser objetivado, mas revela-se como *savoir-faire* [saber fazer] para além de todo o processo.

BARTH, Luís Fernando Barnetche. Kafka’s “In The Penal Colony” as a psychoanalytic figuration of the experience [*Erfahrung*] of acceptance [*Annahme*]. **Revista de Letras**, São Paulo, v.53, n.2, p.87-103, jul./dez. 2013.

- **ABSTRACT:** *Based on Kafka’s (2011) “In the Penal Colony”, published in 1914, in which an unusual form of execution of criminals is described, where the accused – who ignores the grounds for his execution – is placed in a machine that inscribes the reason for his condemnation on his back, causing the condemned man’s death by transfixion, the aim of this paper is to investigate the psychological quality of the experience of limits. With the support of the original German-language text, the author examines the Kafkian attempt of the condemned to establish a true, revealing corporal experience through the “reading” of the sentence “inscribed” on his own body, by evoking the psychoanalytical concept of acceptance [*Annahme*] of unconscious content, through the liberation of psychological affection sparked by increased physical tension. This process is offered as a possible figuration of psychoanalytical experience [*Erfahrung*] of treatment, which, opposing itself to the idea of a mere existence, is understood as a profound experience that brings with it a learning*

experience that transforms into knowledge; an experience which goes beyond the subject and transforms it into the other. This work is based upon Freudian-Lacanian psychoanalytical literary criticism.

- **KEYWORDS:** *Franz Kafka. Psychoanalysis. Experience. Acceptance.*

Referências

BATAILLE, G. **A literatura e o mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BRUGGER, W. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: EPU, 1977.

CAON, J. L. O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica da pesquisa. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.7, n.2, p.145-174, 1994.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.2).

_____. A negação. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v.16, p.275-282.

KAFKA, F. **In der Strafkolonie**. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/30655>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

_____. **Um artista da fome seguido de “Na colônia penal” & outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

LACAN, J. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LANGENSCHIEDTS **Grosswörterbuch: Deutsch als Fremdsprache**. Berlin: Langenscheit, 2002.

LEITE, L. C. M. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 2007.

MASSON, J. M. (Org.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904.** Rio de Janeiro: Imago, 1986.

NASIO, J. D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

ROBERT, M. **Romance das origens, origens do romance.** São Paulo: COSACNAYFY, 2007.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHNEIDER, M. **Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud.** São Paulo: Escuta, 1993.

